

# A FORMAÇÃO DE ARQUITETOS E URBANISTAS COMO FACILITADORES DE APRENDIZAGEM EM CURSO TÉCNICO EM PAISAGISMO: DESAFIOS DA DOCÊNCIA, PLANEJAMENTO DE ENSINO E AUTOAVALIAÇÃO

THE FORMATION OF ARCHITECTS AND URBANISTS AS FACILITATORS OF LEARNING IN TECHNICAL COURSE IN LANDSCAPING: TEACHING CHALLENGES, TEACHING PLANNING AND SELF-ASSESSMENT

*Renata Michelin Cocco*  
*Cássia Laire Kozloski*

1

## RESUMO

Este trabalho visa apresentar o relato da formação de Arquitetos e Urbanistas como professores no Curso Técnico em Paisagismo do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, Brasil. A presente experiência docente foi vivenciada no segundo semestre de 2019, durante o Estágio Supervisionado de Ensino III, do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional da UFSM, nas disciplinas de Projeto de Paisagismo I e III. Neste artigo, discutem-se criticamente os desafios pedagógicos do processo de ensino-aprendizagem, as etapas de planejamento de ensino e a autoavaliação docente. A partir disso, pode-se concluir que entre as particularidades da docência no Curso Técnico em Paisagismo, destaca-se a importância de atingir metodologicamente a competência do “saber fazer”, conduzindo assim os conhecimentos teóricos a uma abordagem transdisciplinar e efetivamente prática nas diversas escalas de atuação do Paisagista.

Palavras-Chave: Formação docente. Educação técnica. Paisagismo. Processo de ensino-aprendizagem. Planejamento de aula. Autoavaliação.

## ABSTRACT

This work aims to present the account of the training of Architects and Urban Planners as teachers in the Technical Course in Landscaping at the Polytechnic College of the Federal University of Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, Brazil. The present teaching experience was experienced in the second semester of 2019 during the Supervised Teaching Internship III of the Special Graduation Program for Teacher Education for Professional Education at the UFSM in the disciplines of Landscape Design I and III. In this article, the pedagogical challenges of the teaching-learning process, the teaching planning stages and the teacher self-assessment are critically discussed. From this, it can be concluded that among the particularities of teaching in the Technical Course in Landscaping, the importance of methodologically achieving the competence of “know-how” is highlighted, thus leading theoretical knowledge to a transdisciplinary and effectively practical approach in the different scales of performance of the Landscaper.

Keywords: Teacher training. Technical education. Landscaping. Teaching-learning process. Lesson planning. Self-evaluation.



<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2020.168874>

Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 31, n. 46, e 168874, 2020.

## 1 INTRODUÇÃO

A formação docente contemporânea abrange modelos educacionais distintos, como o artesanal, o instrumental-tecnicista e o sociopolítico, os quais são extensivamente praticados nos currículos pedagógicos atuais pelo Brasil, seja nas escolas de nível básico ou superior. Percebe-se que, apesar da educação atualmente estar inserida cronologicamente na era contemporânea, o modelo vigente de educação e o “ser professor” no século XXI tornou-se uma profissão desafiadora que exige uma postura inovadora. Entre os mais variados motivos para a inovação, pode-se citar como desafios: *déficit* crescente de investimentos nas escolas e instituições públicas; falhas na formação e qualificação pedagógica dos professores; dificuldades de trabalhar com as questões sociais, culturais, intelectuais e inclusivas no ambiente escolar; como também, falta de investimentos em tecnologia e em recursos didáticos digitais acessíveis a todos (ÁVILA, 2008).

2

Frente a esses inúmeros desafios diários citados, a inovação ou, ainda, a renovação, é um ponto forte na concepção de Paulo Freire (2013), pois para o autor, o ato de ensinar não é mera transferência de conhecimento, mas sim o constante envolvimento e aperfeiçoamento com muitas exigências atreladas à especificidade humana, tais, como: segurança, generosidade, liberdade, autoridade, disponibilidade ao diálogo, ideologia, competência profissional, comprometimento, paciência e sabedoria para saber escutar, intervir no mundo em que se está inserido e, sobretudo, querer bem aos educandos. Assim, o professor é o facilitador e organizador das situações de aprendizagem, ou seja, é o facilitador de aprendizagem e o gestor desse processo.

Nesse contexto atual do papel do professor como facilitador de aprendizagem, a necessidade da interdisciplinaridade na produção da educação, seja do ponto de vista pedagógico ou epistemológico, é importante para a organização e a difusão do conhecimento como superação à fragmentação do mesmo. Dessa forma, a interdisciplinaridade é considerada articuladora do processo de ensino-aprendizagem na medida em que ela se constitui efetivamente como um modo de pensar e de organizar os

currículos, os conteúdos, as avaliações, os ambientes escolares e as metodologias de ensino. Somente por meio dessa organização – crítica, reflexiva e interconectada – é que a interdisciplinaridade se tornará um poderoso elemento orientador da formação contemporânea dos profissionais da educação (THIESEN, 2008).

Como consequência dessas reflexões vivenciadas na prática docente, este trabalho tem por finalidade relatar a experiência adquirida na realização do Estágio Supervisionado de Ensino III do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O estágio docente ocorreu no Curso Técnico em Paisagismo do Colégio Politécnico da UFSM, localizado cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. A partir dessa experiência, pode-se dizer que o estágio de ensino é um importante momento de ação-reflexão-ação que permite a autoavaliação crítica do professor juntamente com a possibilidade de aperfeiçoamento constante da sua didática, metodologias de ensino ou, ainda, dos saberes específicos dos conteúdos abordados.

## 2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

No contexto de profissionalização da educação básica no Brasil, Silva e Romaniwski (2017) discutem a formação de professores no ensino profissional e destacam que seu surgimento ocorreu somente em 1942 por meio da lei orgânica daquele ano, a qual foi substituída posteriormente pelo Decreto-lei nº 8680 de 1946. Somente após a reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) de 1996 e da implantação das três modalidades de ensino – articulada, integrada ou concomitante e subsequente ao ensino médio – foi que houve a implantação da formação de professores no País (BRASIL, 1942, 1996).

Inicialmente como tentativa de superação da dicotomia entre teoria e prática, a formação docente incluía a adoção de estágios supervisionados de ensino e a capacitação de professores no local de trabalho. Apesar dessa iniciativa, essas ações não foram sufi-

cientos para a consolidação da formação do professor que atuava no ensino profissional e, atualmente, há poucos cursos voltados para esse fim, principalmente no âmbito da rede pública (SILVA; ROMANIWSKI, 2017).

Desse modo, a partir da necessidade em se pensar a formação docente voltada para o nível técnico de ensino em consonância com a nova LDB de 2012, surge na UFSM o Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional. Também conhecido pela abreviação “PEG”, o curso é caracterizado como uma Licenciatura Plena ofertada gratuitamente a bacharéis de todas as áreas do conhecimento que buscam a formação docente, especialmente para a atuação em cursos de nível profissionalizante, técnico e tecnológico (BRASIL, 2012).

O PEG foi reconhecido em 2012 pelo MEC e possui ingresso semestral com duração de três semestres, os quais podem ser cursados na modalidade presencial ou de Ensino a Distância (UFSM, 2019a). Além disso, como destaque no currículo, o PEG possui ao longo dos seus três semestres, as disciplinas de Estágio Supervisionado de Ensino (ESE) I, II e III. O ESE I trata-se do estágio de reconhecimento de diferentes espaços e realidades educacionais do ensino profissional, visando compreender a organização e a gestão das instituições por meio de visitas presenciais. Já o ESE II se caracteriza pelo estágio de observação da ação docente na qual o aluno deve conhecer situações de ensino que possibilitem aplicação de atitudes e saberes necessários à prática do próximo estágio. E, por fim, o ESE III refere-se à docência propriamente dita, onde o estudante estagiário tem a responsabilidade de planejar, implantar e avaliar, pelo menos, 30h de docência. Ao término da disciplina, além de ser capaz de aplicar os conhecimentos à formação de atitudes e saberes necessários à prática docente, o aluno estagiário deve apresentar um relatório contendo a análise crítica das ações docentes implantadas segundo os seus planejamentos de aula.

Este artigo relata criticamente a formação docente realizada nas disciplinas de Projeto de Paisagismo I e III do Curso Técnico em Paisagismo da UFSM, o qual possui a modalidade subsequente de

turno matutino. Em se tratando de um recorte da formação pedagógica de Arquitetos e Urbanistas durante o PEG, o presente trabalho se atém somente às atividades do Estágio Supervisionado de Ensino III, ocorrido durante o segundo semestre de 2019.

### 3 ABORDAGEM METODOLÓGICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENSINO III

A metodologia de ensino adotada no Estágio Supervisionado de Ensino III foi conduzida pelo professor orientador da disciplina de ESE III e adaptada conforme as necessidades de cada disciplina, bem como, as solicitações do professor supervisor de estágio responsável pela disciplina do curso técnico em que se estagiou.

A metodologia compreende o planejamento das aulas, o *feedback* do professor orientador de estágio, a implantação das aulas propriamente ditas, os resultados obtidos pelo *feedback* da turma durante as aulas, a autoavaliação do professor e, por fim, a readequação da conduta docente para as próximas aulas. A Figura 01 demonstra as etapas do processo de ação-reflexão-ação ou de investigação-ação das aulas (ELLIOTT, 1978).

A etapa de planejamento detalhado das aulas ministradas conforme o plano de ensino das disciplinas foi crucial para a implantação de metodologias interdisciplinares de ensino, conforme descrito no item a seguir.

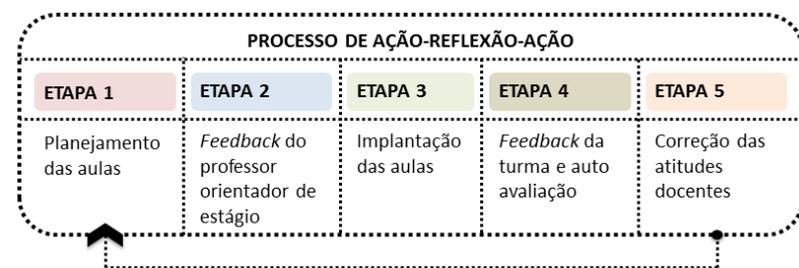


Figura 01: Etapas do processo de ação-reflexão-ação do ESE III. Fonte: Autoras, 2020.

### 3.1. PLANEJAMENTO DAS AULAS

Na ação docente, o plano de ensino torna-se uma importante ferramenta de organização e planejamento a médio e a longo prazo das atividades a serem executadas no decorrer de um período. Dessa forma, durante o ESE III, tal plano possibilita a organização detalhada dos conteúdos pedagógicos e específicos a serem assumidos pelo estagiário com o acompanhamento dos professores supervisor e orientador, bem como a conduta avaliativa, permitindo antecipadamente o planejamento das aulas, fato que é essencial para a atuação positiva e de sucesso do professor.

Para implantar o processo educacional de ensino, a ação docente foi organizada em quatro etapas distintas, as quais geram e sustentam o diálogo de forma problematizadora em torno de desafios ou situações-problema propostas aos alunos por meio de metodologias ativas, isto é, ferramentas de ensino que proporcionam a participação dos alunos em aula, evitando que os mesmos sejam meros expectadores. Segundo Abegg e De Bastos (2005), as etapas ou momentos pedagógicos estão ilustrados na Figura 02:

4

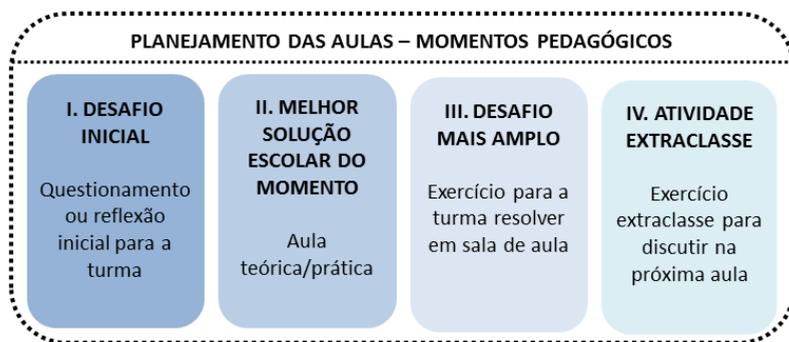


Figura 02: Momentos pedagógicos.  
Fonte: Autoras, 2020.

Assim, entendem-se como estratégias de ensino-aprendizagem os momentos pedagógicos:

**I. Desafio inicial (DI):** faz-se o recorte temático, que é definido previamente pelo professor e apresenta-se como uma situação-problema para o estudante resolver.

**II. Melhor Solução Escolar do Momento (MSEM):** nessa fase, problematizam-se com os estudantes os conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos e disponíveis, sempre relacionando com a problematização inicial. Dessa forma, priorizam-se os limites e as contradições explicitadas pelas visões de mundo dos estudantes com os conhecimentos escolares, procurando superar as "situações-limite" identificadas na primeira etapa.

**III. Desafio mais Amplo (DA):** propõem-se para os estudantes um novo problema relacionado ao inicial, mas, em sua resolução, o estudante precisa considerar os conhecimentos estudados na segunda etapa. Assim, esse momento está associado à avaliação processual da aprendizagem.

**IV. Atividade extraclasse:** é optativa, pois delega tarefas extraclasse para os alunos solucionarem, pressupondo, assim, a retomada coletiva das questões na próxima aula.

Sobre o modelo didático-metodológico das aulas, destacam-se duas abordagens de aula: a aula teórica e a aula prática. As aulas teóricas foram ministradas de forma expositiva com o auxílio de *slides* sobre o conteúdo, imagens, vídeos e livros físicos de referência para as disciplinas. Outro modelo de aula teórica são as rodas de debate ou de conversa, nas quais se incentiva a participação dos alunos de forma a contribuir com os trabalhos expostos, isto é, todos da turma podem analisar criticamente o trabalho dos colegas. Já as aulas práticas foram desenvolvidas nas estufas do Setor de Floricultura do Colégio Politécnico da UFSM.

#### 4 O PROJETO DA PAISAGEM NO CURSO TÉCNICO EM PAISAGISMO DA UFSM E O PLANEJAMENTO DE ENSINO

Constituído como uma Unidade de Educação Básica, Técnica e Tecnológica, o Colégio Politécnico da UFSM oferece atualmente 17 cursos técnicos, classificados por eixos tecnológicos (UFSM, 2019b). Nesse contexto, o Curso Técnico Subsequente em Paisagismo, criado em 2008, pertence ao eixo tecnológico “Produção Cultural e Design” e objetiva a formação de profissionais habilitados para a atuação nas áreas de floricultura, arte floral e paisagismo (UFSM, 2017). É conhecido nacionalmente como o único curso técnico em Paisagismo do Brasil a possuir uma floricultura-escola para o desenvolvimento das atividades práticas e ações relacionadas à gestão e empreendedorismo. Com carga horária de 1.230 horas de aulas distribuídas em quatro semestres, o Curso Técnico em Paisagismo estrutura-se em três módulos: módulo básico, módulo transversal e módulos qualificadores, os quais são “concebidos como unidades formativas e de qualificação profissional” e materializados entre as 32 disciplinas ofertadas (UFSM, 2017, p. 15).

No que se referem aos módulos qualificadores, as disciplinas que compõem o módulo de “Elaboração, Implantação e Manutenção de Projetos Paisagísticos” são: Desenho Técnico, Projeto de Paisagismo I, II e III, Teoria e História do Paisagismo, Desenho Auxiliado por Computador, Arborização Urbana, Modelagem 3D I e II, Iluminação no Paisagismo e Práticas de Paisagismo.

Especificamente quanto às disciplinas de Projeto de Paisagismo I, II e III, que ocorrem, respectivamente, durante o segundo, o terceiro e o quarto semestres dentro da estrutura curricular do curso, a carga horária é dividida entre horas teóricas e horas práticas. Em Projeto de Paisagismo I são 30h (15h teóricas e 15h práticas) e em Projeto III são 45h (30h teóricas e 15h práticas). As ementas dessas disciplinas especificam seus objetivos, respectivamente, em: conhecer as técnicas e etapas de elaboração de projeto utilizando os princípios de composição e estética e elaborar um projeto paisagístico de caráter residencial ou comercial; e propor e elaborar um projeto paisagístico para espaço livre

público (escala de Praça), reconhecendo as necessidades físicas e sociais do local.

Quanto ao corpo docente do Técnico em Paisagismo, segundo o Plano Pedagógico de Curso (PPC) de 2017, há a atuação direta de doze professores, sendo que um possui formação em Arquitetura e Urbanismo, cinco em Engenharia Agrônoma, dois em Engenharia Florestal e os demais em Administração, Biologia, Ciência da Computação, Letras e Zootecnia. A partir desses dados, é possível perceber que há demanda no Curso por professores Arquitetos e Urbanistas em comparação aos docentes das ciências agrárias, uma vez que a maioria das disciplinas do módulo “Elaboração, Implantação e Manutenção de Projetos Paisagísticos” está diretamente ligada à formação básica de profissionais dessa área, como o conhecimento de princípios arquitetônicos específicos para o desenvolvimento de projetos paisagísticos.

Quanto ao perfil dos discentes, o curso Técnico em Paisagismo busca atender aos alunos recém-egressos do Ensino Médio da Educação Básica, a fim de oportunizar o desenvolvimento das habilidades profissionais dos mesmos logo no princípio da vida ativa (UFSM, 2017). Entretanto, as variadas formas de ingresso, como, por exemplo, ser portador de diploma de graduação ou apenas ter afinidade pela temática “paisagismo”, possibilitam a oportunidade de ingresso a pessoas de diversas faixas etárias, configurando um curso com características etárias bastante heterogêneas.

Além da faixa etária, outro fator de destaque no curso e que também se configura pela heterogeneidade, é a formação dos alunos, pois grande parte dos ingressantes já possui algum tipo de formação superior em áreas distintas, como é o caso de muitos alunos acima de 25 e 50 anos. Tal característica pode constatar que o Curso Técnico em Paisagismo da UFSM contempla, além do público jovem, adultos e idosos, sendo responsável não só por uma nova ocupação profissional, mas também pela continuidade e aperfeiçoamento dos estudos de profissões afins à Paisagem, como, por exemplo, os próprios Arquitetos e Urbanistas e os Engenheiros Agrônomos e Florestais.

Com relação à característica dos alunos das disciplinas de Projeto de Paisagismo I e III, de modo geral, as turmas também são heterogêneas no quesito idade, porém não houve conflitos entre os alunos nesse sentido, já que a maioria dos mesmos mostrou-se engajada positivamente nas propostas das aulas. Além disso, tanto a turma de Projeto I (com 25 alunos) como a de Projeto III (com 13 alunos), é considerada pequena devido à evasão escolar que se atribui a alguns cursos do Colégio Politécnico, como é o caso do Técnico em Paisagismo.

#### 4.1. DISCIPLINA DE PROJETO DE PAISAGISMO I

A disciplina de Projeto de Paisagismo I é destinada a alunos do 2º semestre com carga horária de 2 horas semanais (30 horas/aula) e tem por objetivo trabalhar o projeto de espaço livre na microescala, ou seja, a escala do lugar por meio de diretrizes e estratégias compositivas e plásticas de projeto. O projeto de paisagismo proposto para a turma trata-se da área de um jardim de edificação de caráter comercial (restaurante) existente no Campus da UFSM.

A Tabela 02 ilustra o conteúdo programático do plano de ensino da disciplina utilizado para a elaboração dos planejamentos das aulas implantadas no semestre.

Como forma de exemplificar a metodologia de planejamento de aula, foi escolhido o plano da “Aula 4: Harmonia Cromática”, a qual mostrou-se importante para o processo de compreensão dos estudantes sobre os efeitos plásticos ou estéticos da vegetação, bem como, das características botânicas que as plantas necessitam para decorar o ambiente comercial ao mesmo tempo em que se adaptam às condições de luz solar, sombra e umidade disponíveis para sobrevivência (Tabela 03).

Diante dos resultados do exercício em grupo, os alunos conseguiram assimilar dois conceitos importantes para o projeto de paisagismo: a possibilidade de diferentes escalas e planos de trabalho e a importância do conceito que se desejar atribuir ao projeto, isto é, cada espécie vegetal se refere a ambiências e sensações

distintas de jardim. Por exemplo: espécies de palmeiras e bromélias se remetem a ambientes tropicais; tuias, azaleias e plátanos, por exemplo, harmonizam-se muito bem em regiões de clima frio; assim como cactos, agaves, bromélias do gênero *Dyckia* sp. e a mistura de rochas com solos arenosos, acabam sendo um ambiente perfeito para o cultivo de um jardim desértico.

Além disso, cada uma das espécies trabalhadas no exercício possui características plásticas únicas e o conceito em Paisagismo deve explorar esses elementos como ponto de partida, seja pelo porte, forma, função, cor, textura ou outro elemento da raiz, tronco, folha, flor ou fruto da planta. Dessa forma, metodologias ativas como essa, que integram a prática de campo com trabalho em equipe, são **determinantes** para a qualidade técnica e criativa do projeto de paisagem que se deseja alcançar ao final da disciplina.

#### 4.2. DISCIPLINA DE PROJETO DE PAISAGISMO III

A disciplina de Projeto de Paisagismo III é destinada a alunos do 4º semestre, com carga horária de 3 horas semanais (45 horas/aula), tendo o Plano de Ensino dividido em duas grandes unidades: Paisagem, na qual se trabalha com a evolução histórica, tipologia e estilos arquitetônicos de espaços livres emblemáticos no Brasil; e Projeto Paisagístico de Espaço Público, na qual se define a área de intervenção, seus condicionantes e suas potencialidades. Sendo assim, o Plano de Ensino de Projeto III tem por objetivo o estudo e o projeto de espaço livre de uma Praça na mesoescala da quadra, a qual também é inerente à escala do bairro (Tabela 04). O terreno escolhido para o projeto se localiza em uma área de bastante visibilidade e de boa localização no Campus da UFSM.

Para demonstrar a metodologia de planejamento de aula, foi escolhido o plano da “Aula 7: Praças Contemporâneas”, a qual possibilitou a percepção docente sobre o conhecimento prévio e a capacidade de discernimento do grupo de alunos sobre os assuntos abordados. Além disso, o exercício de composição proposto mostrou-se satisfatório, uma vez que instigou e estimulou

Tabela 02: Planejamento de Ensino da disciplina de Projeto de Paisagismo I.

PROJETO DE PAISAGISMO I				
Unidade 1 – Princípios de Composição e Estética			Unidade 2 – Projeto de Paisagismo	
- Elementos de composição. - Harmonia cromática. - Análise plástica da vegetação. - Tipos de traçados em projetos paisagísticos.			- Levantamento. - Anteprojeto. - Projeto Executivo.	
Escala	Área de Estudo	Temática	Exercícios Práticos	Disciplinas afins onde ocorre interação ao longo do semestre
Micro	Lote	Paisagismo Comercial	- Exercício de harmonia cromática na estufa. - Exercício de composição com colagens. - Projeto de Paisagismo com planta de cobertura, planta baixa técnica, tabela de vegetação e perspectivas.	- Botânica Ornamental I. - Desenho Técnico. - Floricultura I. - Teoria e História do Paisagismo.

Fonte: Autoras, 2020.

Tabela 03: Planejamento da Aula 4 conforme os Momentos Pedagógicos.

PROJETO DE PAISAGISMO I	
Aula 4	Temática: Harmonia Cromática   Duração: 2 horas
MOMENTOS PEDAGÓGICOS	
1ª etapa (10 min)	2ª etapa (30 min)
Desafio Inicial	Melhor Solução Escolar no Momento
Questiona-se para a turma:  “Quais são os planos que compõem o espaço?”  A partir das repostas, coloca-se no quadro o que seriam os planos horizontais e verticais no Paisagismo.	Abordam-se brevemente os principais conceitos e características plásticas da vegetação enquanto elementos-chave de Paisagismo – o que são forrações, pisos, arbustos e elementos arbóreos – como introdução ao exercício prático de Harmonia Cromática proposto na estufa. Após, ilustração de dois vídeos do arquiteto paisagista Benedito Abbud do seu canal “Criando Paisagens” (Volumetria vegetal). Fechamento oral do que foi visto nos dois vídeos, pedindo se os alunos possuem dúvidas, questionamentos ou contribuições.
3ª etapa (60 min)	4ª etapa (5 min)
Desafio Mais Amplo	Atividade Extraclasse (em grupo)
Exercício de Harmonia Cromática na estufa: componha um jardim com plantas de uso subtropical e/ou tropical e justifique sua escolha.	Justifique a escolha das plantas e da composição paisagística montada no exercício realizado na estufa e apresente para os colegas na próxima aula.
Recursos Didáticos	Referências
- Quadro. - Computador. - Projetor audiovisual ( <i>Datashow</i> ). - Plantas ornamentais. - Material para desenho e colagens. - Livros didáticos da área de paisagismo. - Material impresso.	ABBUD, Benedito. <b>Criando Paisagens</b> : Guia de arquitetura paisagística. São Paulo: SENAC, 2006. Vídeo: “3ª Regra de ouro: Volumetria vegetal”. ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=2bv7MPcrkA">https://www.youtube.com/watch?v=2bv7MPcrkA</a> ) Vídeo: “O que aprendi com Roberto Coelho Cardoso”. ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=CRLUbaHAs2s">https://www.youtube.com/watch?v=CRLUbaHAs2s</a> )

Fonte: Autoras, 2020.:

Tabela 04: Planejamento de Ensino da disciplina de Projeto de Paisagismo III.

PROJETO DE PAISAGISMO III				
Unidade 1 – Paisagem			Unidade 2 – Projeto Paisagístico de Espaço Público	
1.1. Histórico do Paisagismo em espaços públicos: - Praças no Período Colonial. - Praças do Eclétismo: Clássica e Romântica/Romântica-Clássica. - Período de Transição. - Praças Modernas. - Praças Contemporâneas. 1.2. Elementos Arquitetônicos utilizados em Praças.			Levantamento - Físico e Social: - Planejamento participativo e contribuição cidadã. - Anteprojeto. - Projeto Executivo.	
Escala	Área de Estudo	Temática	Exercícios Práticos	Disciplinas afins que ocorre interação ao longo do semestre
Meso	Quadra	Praça	- Exercício de pesquisa sobre Praças Ecléticas e Modernas. - Exercício de composição de Praças Contemporâneas. - Projeto de Praça com planta de cobertura, planta baixa técnica, tabela de vegetação, perspectivas e orçamento para implantação.	- Licenciamento e Gestão Ambiental. - Harmonização de Ambientes. - Modelagem 3D II. - Práticas de Paisagismo. - Projeto de Viabilidade Econômica na Floricultura e no Paisagismo.

8

Fonte: Autoras, 2020.

o processo criativo da turma como preparação para o projeto futuro da Praça. O *feedback* do professor e dos demais colegas também foi importante para a construção do senso crítico dos alunos enquanto projetistas da paisagem urbana. Por se tratar do projeto de um espaço livre de domínio público, o Paisagista tem a responsabilidade de compreender a dinâmica sociocultural e econômica do local, critérios tão importantes quanto os atributos naturais e construídos que se deseja agregar a esse espaço de convivência da comunidade que é a Praça (Tabela 05).

Os resultados alcançados nessa aula e nos encontros seguintes que envolveram o exercício de traçado e composição foram determinantes para os alunos compreenderem o que diferencia a linha de projeto Contemporânea das vertentes passadas do Ecle-

tismo e do Modernismo brasileiro. Ficou muito clara nas dúvidas dos alunos, a confusão existente entre esses diferentes estilos, já que todas as Praças de Santa Maria e demais cidades do interior do Estado possuem traços e elementos ecléticos muito marcantes. Dessa forma, notam-se como os alunos carecem de referências de projetos variadas para se inspirarem nas suas propostas de Praça ou outros projetos de paisagismo.

Além disso, o exercício desafiou as duplas sobre como iniciar o projeto e qual geometria utilizar como traçado. A partir dos assessoramentos, o docente orientou como ponto de partida o estabelecimento do programa de necessidades da Praça, baseado nas atividades do entorno imediato, bem como, no zoneamento esquemático das mesmas por meio de manchas de uso,

Tabela 05: Planejamento da Aula 7 conforme os Momentos Pedagógicos.

PROJETO DE PAISAGISMO III	
Aula 7	Temática: Praças Contemporâneas
Duração: 3 horas	
MOMENTOS PEDAGÓGICOS	
1ª etapa (15 min)	2ª etapa (70 min)
Desafio Inicial	Melhor Solução Escolar no Momento
Questiona-se para a turma: "Quais são as diferenças entre um projeto paisagístico Eclético e Moderno para um projeto Contemporâneo?" A partir das repostas, constrói-se no quadro uma nuvem de ideias.	Abordam-se os principais conceitos e exemplos de Espaços Livres e Praças Contemporâneas, bem como dos paisagistas e projetos paisagísticos que se destacaram no início do período até os dias atuais. Ilustração de vídeo sobre o projeto do Parque da Juventude da Arquiteta Paisagista Rosa Kliass. Fechamento oral do que foi visto no vídeo.
3ª etapa (70 min)	4ª etapa (5 min)
Desafio Mais Amplo	Atividade Extraclasse (em dupla)
Em duplas, esbocem um desenho ou traçado de Praça em forma de implantação para esse terreno analisando as características de seu entorno imediato. O exercício pode ter continuidade em casa e também na próxima aula.	Continuação da atividade realizada em aula.
Recursos Didáticos	Referências
- Quadro. - Computador. - Projetor audiovisual ( <i>Datashow</i> ). - Plantas ornamentais. - Material para desenho e colagens. - Livros didáticos da área de paisagismo. - Material impresso.	GEHL, Jan. <b>Cidade para Pessoas</b> . São Paulo: Perspectiva, 2013. KLIASS, Rosa Grena. <b>Rosa Kliass: Desenhando paisagens, moldando uma profissão</b> . São Paulo: Senac, 2006. KLIASS, Rosa Grena. <b>Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade</b> . São Paulo: Pini, 1993. Vídeo: "Parque da Juventude, São Paulo, SP". ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=xZxdDio-PF6M">https://www.youtube.com/watch?v=xZxdDio-PF6M</a> )

Fonte: Autoras, 2020.

tais, como: lazer e recreação, esportes, contemplação, passeio, equipamento urbano, entre outros. Também se recomenda fazer o mesmo processo de rascunho de manchas para a locação das espécies vegetais escolhidas. E, para finalizar, reforçou-se que, para a escolha da geometria do traçado, o conceito simbólico do projeto também deve estar alinhado ao conceito plástico e botânico da vegetação escolhida, pois esse é o diferencial e a excelência dos projetos desenvolvidos pelo Paisagista.

#### 4.3. AVALIAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE PROJETO DE PAISAGISMO I E III

Durante a etapa de planejamento das aulas, foram investigados quais métodos didáticos poderiam ser utilizados para auxiliar os alunos na etapa de elaboração de seus projetos paisagísticos nas disciplinas de Projeto de Paisagismo I e III. A partir disso, recorreu-se a referências bibliográficas da área de ensino de

paisagismo, mais especificamente sobre os procedimentos e as estratégias metodológicas de projeto aplicadas em disciplinas de paisagismo em cursos de Arquitetura e Urbanismo, as quais são semelhantes às disciplinas do Técnico em Paisagismo.

Segundo Limberger, Pippi e Lazarotto (2007), a definição das etapas metodológicas ou processo projetual são cruciais para guiar os alunos na elaboração de um projeto paisagístico. A definição dos exercícios que compõem as etapas de projeto é importante para estimular a sensibilidade, a responsabilidade e o senso crítico dos alunos perante a paisagem urbana, seja ela natural ou construída, permitindo o amadurecimento do projeto, desde o seu estranhamento até a etapa de conclusão final (GRIGOLETTI, PIPPI, 2007). Nesse contexto, Bartalini (2019) relembra que o objeto do ensino de paisagismo é a paisagem e, assim, não se pode basicamente tecnificar esse processo de ensino-aprendizagem, mas sim torná-lo embasado em uma linguagem poética e muito mais ampla em torno das variáveis que compõem a paisagem (natural, construída e cultural) no contexto das particularidades a qual se insere.

Além disso, entre os desafios observados durante o período de estágio, que também são relevantes no desenvolvimento das disciplinas de paisagismo nos cursos de Arquitetura e Urbanismo do sul do Brasil, segundo o estudo de Rosaneli (2015), destacam-se:

poucas disciplinas exclusivas e aprofundadas sobre as teorias e os conceitos que envolvem a questão paisagem e história do Paisagismo;

as disciplinas de projeto de paisagismo não contemplam questões de execução e detalhamento de Paisagismo, colocando o projeto como simples embelezamento de um vazio deixado pelo espaço construído;

e, por último, há pouca tendência em trabalhar com o jardim de caráter residencial, o qual se configura pela real demanda profissional de paisagistas e de arquitetos.

A partir dessas lacunas de pesquisa no contexto atual do ensino e do projeto de Paisagismo no Brasil, cabe destacar o trabalho

desenvolvido desde 1970 pela professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), Dr. Miranda Martinelli Magnoli, englobando a grande influência dessa professora no ensino da paisagem no Brasil. Magnoli foi precursora dos estudos conceituais e metodológicos acerca dos espaços livres e da paisagem, quando seus ensinamentos passaram a ser divulgados por meio do Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil (ENEPEA), evento que reúne docentes, discentes, pesquisadores e profissionais da área do Paisagismo de todo o Brasil e da América Latina. Entre um dos objetivos principais do evento, busca-se a troca de experiências acadêmicas no âmbito do ensino, pesquisa e extensão (conceitos, teorias, processos e metodologias), assim como experiências da prática profissional em paisagismo (MACEDO, 2006).

Após o conhecimento sobre o panorama do Paisagismo brasileiro no âmbito do ensino, da pesquisa e das principais referências bibliográficas e metodologias de projeto, pode-se analisar quais estratégias utilizar com os alunos do Colégio Politécnico. Assim, após a etapa de implantação das aulas de projeto, pode-se avaliar resumidamente os pontos positivos e os pontos a serem melhorados diagnosticados pelo *feedback* informal da turma durante as aulas e pela avaliação dos resultados obtidos nas disciplinas (Tabela 06).

A partir da Tabela 06, destaca-se como um dos pontos positivos da interdisciplinaridade vivenciados no estágio docente do Curso Técnico em Paisagismo, a possibilidade de complementação existente entre os conteúdos das disciplinas de Projeto de Paisagismo com disciplinas como Botânica Ornamental I e Harmonização de Ambientes. Por meio dessa integração, a aproximação da teoria com a prática é facilitada e há a superação do caráter fragmentado do ensino, pois os alunos tornam-se o eixo das interações. Sendo assim, eles podem olhar, manusear e experimentar as plantas que utilizam em seus projetos nas aulas de campo e nas estufas do Setor de Floricultura, experiência essencial para a didática do professor, assim como para a formação técnica do Paisagista (PIRES, 1998).

Tabela 06: Avaliação das estratégias de ensino-aprendizagem pelo *feedback* da turma.

AVALIAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM – PROJETO DE PAISAGISMO I E III	
<b>PONTOS POSITIVOS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Interdisciplinaridade entre disciplinas ao longo do semestre e entre a abordagem teórico-prática das aulas do curso Técnico em Paisagismo. Exemplo: complementação de conteúdos abordados nas disciplinas com as aulas práticas de paisagismo no ambiente das estufas do Setor de Floricultura.</li> <li>- Atividades práticas que estimulam o processo criativo e a autonomia de cada aluno. Exemplo: exercícios de composição cromática na estufa, de composição de traçado e de estudos de caso.</li> </ul>	
<b>PONTOS A MELHORAR</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diminuir o tempo de aula teórica expositiva e aumentar o tempo de aula prática. <b>Exemplo:</b> exercícios práticos que desenvolvam a composição, a capacidade de inovação e a criatividade dos alunos.</li> <li>- Maior abertura de fala à turma, isto é, deixar os alunos participarem mais ativamente da aula e das avaliações, permitindo com que os mesmos consigam expressar suas dúvidas e não se sintam retraídos em relação ao professor. <b>Exemplo:</b> promover rodas de debate.</li> <li>- Desenvolver atividades e dinâmicas que possibilitem maior integração e visualização da turma em relação aos trabalhos produzidos individualmente ou em grupo, pois são momentos importantes de troca de conhecimentos individuais que valorizam a autonomia dos alunos. Exemplo: apresentações orais e assessoramentos coletivos.</li> <li>- Explorar os recursos didáticos digitais e tecnológicos. Exemplo: utilizar o Laboratório de Informática para trabalhar as ferramentas dos <i>softwares</i> de desenho com os alunos, bem como a exploração de vídeos, entrevistas e documentários sobre o Paisagismo nacional e internacional.</li> </ul>	

Fonte: Autoras, 2020.

Outro ponto positivo do ESE III foram os exercícios de composição cromática, de composição de traçado e de estudos de caso (pesquisas de obras paisagísticas de referência). A condução dessas atividades possibilita a expressão do processo criativo e mental de cada aluno para o grande grupo, sendo importante para a autonomia dos mesmos e para os aprendizados que o *feedback* do docente e dos colegas podem agregar positivamente para a evolução dos trabalhos e, conseqüentemente, dos indivíduos envolvidos.

Entre os pontos a melhorar, destacam-se, impreterivelmente, diminuir o tempo de aula teórica expositiva e aumentar o tempo de aula prática. Além disso, notou-se a importância de desenvolver atividades e dinâmicas que possibilitem maior integração e visualização da turma em relação aos trabalhos produzidos individualmente ou em grupo, promovendo também o crescimento pessoal dos alunos em termos de criticidade, oratória e trabalho em grupo.

## 5 AUTOAVALIAÇÃO DOCENTE COMO FERRAMENTA PARA A CONDUÇÃO DE FUTUROS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Com relação à prática docente em si, como autoavaliação, o ponto positivo mais marcante do estágio foi a relação construída como professor com os alunos, pois a atenção, a confiança e a postura docente mais “horizontal” estabelecida com as turmas, sejam no tratamento individual ou em grupo, foi fundamental para que o planejamento das aulas por meio dos momentos pedagógicos e as atividades propostas tivessem a participação, a motivação e a compreensão de praticamente toda a turma (ABEGG, DE BASTOS, 2005).

A Tabela 07 traz um *checklist* para nortear o processo de autoavaliação docente juntamente aos resultados obtidos pelo *feedback* da turma e da avaliação das estratégias de ensino-aprendizagem, a fim de conduzir a correção dos aspectos indesejáveis ou que

Tabela 07: *Checklist* para autoavaliação docente.

CHECKLIST PARA AUTOAVALIAÇÃO DOCENTE	
	- Apresentou o plano de ensino da disciplina e o planejamento da aula?
	- Apresentou os objetivos de aprendizagem (geral e específicos)?
	- Descreveu os objetivos de aprendizagem de forma a representar as competências a serem adquiridas?
	- Vinculou a temática da aula a situações reais e do cotidiano dos alunos, desafiando-os a refletir?
	- Tratou os alunos de acordo com a sua faixa etária e necessidades especiais, no caso de alunos com deficiência física e/ou intelectual?
	- Compartilhou responsabilidades de trabalho e não impôs regras?
	- O material didático está adequado à faixa etária e ao contexto socioeconômico e cultural dos alunos?
	- Diversificou as estratégias de ensino-aprendizagem adotadas?
	- Utilizou ou explorou as experiências dos alunos com relação à temática da aula?
	- Fez as boas perguntas ao invés de querer dar as boas respostas?
	- Envolveu a todos a fim de estabelecer a ideia de grupo?
	- Mudou o ritmo da aula a cada 20 ou 30 minutos?
	- Realizou perguntas amplas e direcionadas a todos e não apenas a um aluno?
12	- Informou ao aluno onde e em que contexto ele poderá utilizar o que está aprendendo?
	- Promoveu um clima físico e psicológico favorável?
	- Gerenciou bem o tempo didático?
	- Demonstrou domínio da temática da aula?
	- Utilizou linguagem clara e objetiva?
	- Utilizou gestos e postura adequados?
	- Preparou e utilizou bem os recursos didáticos?
	- Recapitulou em tópicos principais o resumo da aula?
	- Propôs atividades extraclasses reflexivas e construtivas que complementam o conteúdo da aula?

Fonte: Autoras, 2020.

obtiveram insucesso e, assim, aperfeiçoar a prática docente em Paisagismo nos futuros processos de ensino aprendizagem.

Esse *checklist* traz a sugestão das principais questões a serem utilizadas na autoavaliação docente, porém, há outros tópicos que não foram abordados na mesma e que podem estar atrelados à

educação enquanto meio de desenvolvimento biopsicossocial e integrativo. Sendo assim, percebe-se que a dedicação ao processo de ensino-aprendizagem deve seguir uma abordagem didático-metodológica concebida a partir de uma pedagogia dialógico-problematizadora, como nos inspira Paulo Freire (1996). Por

outro lado, a relação de empatia também chamada de “*rapport*” e de compreensão do universo do aluno, somente se dá por meio de estratégias de aproximação, afetividade verdadeira, transparência e flexibilidade. Enfim, pela prática de relações humanas saudáveis e construtivas com os alunos sem a perda da diretividade necessária ao professor enquanto gestor.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente vivenciada no estágio do PEG, no Técnico em Paisagismo, demonstrou que há uma tendência progressista crescente por descoberta guiada, isto é, quando os alunos e o professor trabalham juntos de forma cooperativa, o professor torna-se o mediador ou facilitador na construção do conhecimento. Dessa forma, pode-se dizer que como resultado do planejamento detalhado das aulas tem-se a evolução e o amadurecimento da autonomia do aluno. Assim, a relação entre aluno-professor torna-se mais flexível, criativa e aberta ao diálogo quando se trabalham com metodologias ativas e atividades em grupo que fomentem o debate construtivo.

Do ponto de vista da autoavaliação do professor, o *checklist* das atividades desenvolvidas nas aulas do estágio possibilita perceber quais são as estratégias pedagógicas adotadas pelo docente dentro do contexto em que ele se insere, isto é, da realidade da escola (estrutura física e pedagógica), do perfil específico de cada aluno/turma, dos planos de ensino das disciplinas, dos planejamentos de aula e outros fatores que interferem na prática docente.

E, por fim, conclui-se que entre os desafios, saberes e habilidades formativas necessárias ao professor Arquiteto e Urbanista no Técnico em Paisagismo ou em outro curso afim, reforça-se a necessidade constante da interdisciplinaridade do ensino. Estabelecer conexões com outras disciplinas e áreas do conhecimento que fomentem sempre que possível a inovação dos temas e exercícios abordados em aula, a pesquisa crítica dos alunos e a integração entre a teoria e a prática como parte dos princípios “aprender fazendo” e “saber fazer”, ambos inerentes ao ensino técnico, são fundamentais para a formação docente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEGG, I.; DE BASTOS, F. da P. Fundamentos para uma prática de ensino-investigativa em Ciências Naturais e suas tecnologias: Exemplar de uma experiência em séries iniciais. *Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 4, n. 3, p. 1-15, 2005.
- ÁVILA, Cristina. Formação docente na contemporaneidade: limites e desafios. *Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade*, v. 17, n. 30, p. 33-41, 2008.
- BARTALINI, V. Notas sobre paisagem e ensino de paisagismo. *Paisagem e Ambiente: ensaios*, n. 43, p. 1-11, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/153638/157626>. Acesso em 26 nov. 2019.
- BRASIL. **Decreto-Lei 4127, de 25 de fevereiro de 1942.** Estabelece as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4127-25-fevereiro-1942-414123-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 09 nov. 2019.
- BRASIL. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 08 nov. 2019.
- BRASIL. **Resolução 6, de 20 de setembro de 2012.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category\\_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 08 nov. 2019.
- CUNHA, L. A. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- DA SILVA, P. J.; ROMANIWSKI, J. P. Os institutos federais no Brasil: da educação profissional à formação de professores. EDUCERE- XIII Congresso Nacional de Educação, 2017, Curitiba. In: *Anais...* Curitiba, PR. 2017. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23512\\_12121.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23512_12121.pdf). Acesso em: 09 nov. 2019.
- ELLIOTT, John. *What is Action-Research in School?* *Journal of Curriculum Studies*, v.10, n. 4, p. 335-7, 1978.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRIGOLETTI, G.; PIPPI, L. G. A. Relato de uma experiência: integração de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo em disciplina de projeto do segundo semestre curricular. *Paisagem e Ambiente: ensaios*, n. 23, p. 81-89, 2007.
- LIMBERGER, L.; PIPPI, L. G. A.; LAZAROTTO, G. Praças urbanas - o caso da Praça João Menna Barreto - Santa Maria-RS - Brasil - Procedimentos metodológicos projetuais paisagísticos aplicados à disciplina de Paisagismo II. *Paisagem e Ambiente: ensaios*, n. 23, p. 145-157, 2007.
- MACEDO, S. S. O ensino de paisagismo na FAUUSP e a figura de Miranda Magnoli. *Paisagem e Ambiente: ensaios*, n. 21, p. 43-54, 2006.
- PIPPI, L. G. A.; LIMBERGER, L.; LAZAROTTO, G. Ecoturismo: Aspectos Conceituais, Reflexões e Diretrizes para Projetos Paisagísticos. *Paisagem e Ambiente: ensaios*, n. 28, São Paulo, 95-132, 2011.
- PIRES, M. F. de C. Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade no Ensino. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 2, p. 173-182, 1998.
- ROSANELI, A. F. Apontamentos Sobre o Ensino de Paisagismo nos Cursos de Arquitetura e Urbanismo da Região Sul do Brasil. *Paisagem e Ambiente: ensaios*, n. 35, p. 199-219, 2015.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, v.13 n. 39, set/dez 2008.

a UFSM. **Programa Especial de Graduação**. 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/programa-especial-de-graduacao/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

b UFSM. **Sobre o Politécnico**. 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/politecnico/sobre-o-politecnico/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

UFSM. **Colégio Politécnico: Técnico em Paisagismo - Plano de Curso**. 2017. Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/tecnico/santa-maria/paisagismo/projeto-pedagogico>. Acesso em: 10 nov. 2019.

Renata Michelon Cocco  
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo.  
SECRETARIA DO PPG EM ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO - Prédio 8 (INPE), Sala 2058, Av. Roraima nº 1000, Bairro Camobi, Santa Maria - RS, CEP: 97105-900, e-mail: ppgaup@ufsm.br, +55(55)3220-8619.  
<https://orcid.org/0000-0002-5422-8479>.  
renatamcocco@gmail.com

14

Cássia Laire Kozloski  
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo.  
SECRETARIA DO PPG EM ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO - Prédio 8 (INPE), Sala 2058, Av. Roraima nº 1000, Bairro Camobi, Santa Maria - RS, CEP: 97105-900, e-mail: ppgaup@ufsm.br, +55(55)3220-8619.  
<https://orcid.org/0000-0002-5422-8479>.  
cakozloski@gmail.com

Notas do Editor:  
Data de Submissão: 17/04/2020  
Aceite: 22/08/2020  
Revisão: RMO